

W3 SUL

Nos seus 5,3 quilômetros de extensão, a via, que já foi considerada o mais fino centro comercial da capital, sofre com a falta de cuidados. Mas tem uma dinâmica própria e ainda agrada tanto aos moradores das quadras próximas quanto aos frequentadores

ELISA TECLES
DA EQUIPE DO CORREIO

O que Brasília não tem de outras cidades, a W3 Sul tem de sobra. Se às quadras do Plano Piloto faltam calçadas de pedra, comércio rasturado a residências e poluição sonora, a avenida provoca no peixeira a sensação de estar em um tradicional bairro de ruas nomeadas. Nos 5,3 quilômetros que separam o Pálio Brasil da 516 Sul, convivem cerca de mil estabelecimentos comerciais, dezenas de apartamentos e bancas de ambulantes. A avenida já ostentou o título de centro comercial mais fino da capital, mas a falta de cuidados da rua relegou os tempos áureos da W3 Sul à memória dos pioneiros.

A avenida evoca o passado da capital ao mesmo tempo em que se adapta à realidade do brasiliense. Lojas quase cinquentenárias e empreendimentos inovadores dividem espaço na evolução da W3. Em 2008, a rotina dos moradores mudou com a retirada das pousadas e, em breve, a W3 mudará de novo, com a chegada do Véculo Leve sobre Trilhos (VLT), que levará passageiros de uma ponta a outra da avenida em poucos minutos. A dinâmica da W3 Sul se reflete nas transformações de fachadas, trânsito e na variedade de serviços. Afinal, onde mais se pode comprar um peixe vivo, almoço e contertar o carro sem sair da quadra?

O fotógrafo Antônio Aragão, 64 anos, acompanha as mudanças da avenida desde 1962, quando trocou o Ceará por Brasília. "Aqui funcionou a primeira pizzaria da cidade e tinha um restaurante italiano chique, só lá presidente e diretor", lembra. Em 1966, Aragão abriu uma loja de fotografias na 504 Sul, onde ainda trabalha. Para quem viveu as décadas de sonho, é uma vergonha andar por uma W3 suja e de paredes picheadas. "Pe que não renascer a W3, que foi o coração da cidade? Coração não se troca", defende.

Antigo palco do carnaval brasiliense, a W3 Sul era reduto de bons restaurantes e lojas de departamentos. Nas finadas Bibabô e Slaviero, moradores da Asa Sul compravam de tudo. No fim dos anos 70, a avenida já era endereço de agências bancárias e concessionárias.

A W3 Sul do século 21 tem vocação diurna — a maré de pedestres varia de acordo com o horário dos bancos. Por volta das 10h, 11h, as calçadas enchem. Depois das 16h, o movimento se restringe ao circular de trabalhadores a caminho da parada de ônibus ou moradores em compras de última hora.

A avenida é mais ou menos dividida por temas: na 14 e na 15, as oficinas e auto-peças tomam conta; na 13, vende-se ração de cachorro; a 10 é a rua dos tecidos e dos bebês; a 8 tem exposição e teatro no espaço Renato Russo, e daí por diante. Fácil para quem gosta de pesquisar preços, como a engenheira civil Cristina Oliveira, 27 anos. Ela está montando o exóvolo do futuro bel e recorreua às lojas da 510. "A concorrência com os shoppings é grande,

mas a vantagem da W3 é que você sabe onde encontrar cada coisa. No final, vale a pena", disse.

Revitalização

Moradora da 514 Sul há oito anos, a dona-de-casa Marinalda Mendonça, 74 anos, não gosta de caminhar pela avenida depois das 20h — tem receio da calçada escrava, sem movimento. Ela gostaria de abrir a janela do apartamento e ver o passeio limpo e organizado. "Aqui é cheio de ambulantes e sujeira na rua. É difícil estacionar perto e está ficando perigoso", afirmou. Enquanto a revitalização da W3 rai a vista, as reclamações de boa parte dos frequentadores da avenida são as mesmas de Marinalda.

um dos lugares mais agradáveis da cidade. Se tivesse um corredor cultural, seria a nossa riviera", completou.

A recuperação das praças, acessibilidade e a participação da comunidade são outros itens do projeto. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (Seduma) informou que montou um grupo para estudar a revitalização da avenida, mas ainda não há definição de quais obras ou mudanças devem ser realizadas. Também não se fala em prazos para execução do trabalho.

Para o diretor da Federação do Comércio do DF (Fecomércio) Miguel Soares Neto, a tendência é que os empresários voltem a olhar com bons olhos para a W3, mas é preciso haver melhorias. "As entrequadras estão ficando sem espaço, as pessoas entram indo para a W3 e o comércio percebeu isso. Mas falta organização, as calçadas não têm padrão e o aspecto não é dos mais agradáveis", ressaltou.

A empresária Patrícia Ávila, 34 anos, apostou na avenida e, há três meses, inaugurou o antiquário Relíctario, na 508 Sul. "É uma rua tradicional com muita circulação de pessoas. Mas seria interessante que as lojas ficasssem abertas até mais tarde, mesmo no sábado. Ficou estigmatizado que a W3 não funciona a partir de certo horário", disse.

Transporte público

Brasília tinha 14 anos completos quando a W3 ganhou o primeiro sinal de trânsito. A novidade foi inaugurada em 17 de dezembro de 1974, quando o fluxo de carros na avenida começava a dar sinais do crescimento acelerado da frota do DF. O semáforo organizou o trânsito no cruzamento da W3 Sul com a pista de acesso ao Setor Comercial. Trinta e quatro anos depois, o trecho Sul da avenida conta com 42 conjuntos de sinais e é frequentado por cerca de 60 mil veículos diariamente.

As seis pistas da avenida ficaram pequenas para tantos veículos. Em algumas quadras, as vagas são insuficientes e os estacionamentos ficam lotados durante o dia. Para amenizar o problema, está prevista a criação do VLT, uma espécie de bonde que circulará no canteiro central da W3. Ele terá capacidade para ir do fim da Asa Sul até o centro da cidade, em 7 minutos. No futuro, o VLT pegará passageiros no aeroporto e os levárá até a Asa Norte.

No próximo dia 19, será escolhida a empresa responsável pela obra — três consórcios se candidataram. A primeira etapa do VLT (Terminal Asa Sul até a 502 Norte) está orçada em R\$ 520 milhões. A construção começará em março e o primeiro trecho deve entrar em funcionamento em 2010. "Além de ser um programa de transporte, o VLT faz parte da revitalização da W3. Vai ser um excelente meio de transporte, não tenho dúvida que quem mora perto da W3 vai deixar o carro em casa e pegar o VLT", acredita o secretário de Transportes, Alberto Fraga. Após seis meses de adaptação da população ao veículo, os ônibus devem deixar de circular na avenida.

AS ENTREQUADRADAS ESTÃO FICANDO SEM ESPAÇO, AS PESSOAS ENTÃO INDO PARA A W3 E O COMÉRCIO PERCEBEU ISSO. MAS FALTA ORGANIZAÇÃO, AS CALÇADAS NÃO TÊM PADRÃO E O ASPECTO NÃO É DOS MAIS AGRADÁVEIS

Miguel Soares Neto, diretor da Fecomércio

Em 2002, o arquiteto e professor da Universidade de Brasília (UnB) Frederico Flósculo coordenou um projeto de revitalização da W3 que ganhou o primeiro lugar em um concurso local. Flósculo defende a criação de um corredor cultural na avenida com a instalação de entidades voltadas a artes plásticas, música, cinema, teatro etc. "Herdamos do governo militar uma cidade reprimida, esvaziada culturalmente. A W3 é mágica, aquela mesma volumetria pode se transformar em algo vivo, caso haja uma política cultural", defendeu o arquiteto. O especialista repudia a mudança de barreira da área por considerar que não é preciso aumentar os prédios para se ter a revitalização. "Esse é

Passado, presente e futuro numa mesma avenida

Foto: Daniel Ferreira/CB/DA Press



NA W3, LOJAS CINQUENTENÁRIAS CONVIVEM LADO A LADO COM SHOPPING, BANCOS E BONS RESTAURANTES. NUM FUTURO PRÓXIMO, SEGUNDO O GDF, A AVENIDA, UMA DAS ARTÉRIAS PRINCIPAIS DO PLANO PILOTO, VAI GANHAR O VÉHICULO LEVE SOBRE TRILHOS, QUE DEVE DAR NOVO FÔLEGO AO LOCAL

TRADIÇÃO E MODERNIDADE

SEM POUSADAS, A PAZ

As casas construídas às margens da W3 Sul, nas quadras 700, tinham destinação exclusivamente residencial. Elas saíram do papel para abrigar funcionários públicos e imigrantes que chegavam para ocupar a cidade. Com o tempo, as simples casas térreas e sobrados deram lugar a pousadas, salões de beleza, banchos e escritórios. As fachadas de tijolinho ou reboco ganharam letreiros anunciando o comércio local. Em 20 de maio de 2008, o governo proibiu o funcionamento de pousadas, saunas e casas de massagem na região. Cerca de 51 estabelecimentos tiveram as portas fechadas.

Com o fim das pousadas, a dona-de-casa Maria das Graças Melo de Abreu, 74 anos, viu o movimento da rua retornar a tranquilidade do passado. Turistas deixaram de bater à sua porta em busca de quartos e não há mais carros estacionados em frente à garagem da casa. Maria mora ao lado de uma antiga pousada, que hoje expõe uma faixa oferecendo aluguel para depósito, na 705 Sul. "Quando eu me mudei (em 1998) tinha só um escritório aqui, mas nas outras quadras já havia pousadas. É melhor sem elas", disse Maria das Graças. A dona-de-casa lembra que chegou a perder três consultas médicas porque a garagem estava bloqueada e não se tinha pista dos donos dos carros.

Maria das Graças levou mais de 20 anos para decidir morar em Brasília. Nascida em São Paulo, ela visitava a capital federal duas vezes por ano, desde 1972. Passear com a família na W3 era a alegria da dona-de-casa. "Me apaixonei por Brasília por causa da imensidão da W3. Tinha um hipermercado que vendia de utensílios domésticos

a carros, tinha tudo. As lojas de roupa mais bonitas da cidade ficavam aqui", comentou. Na época da mudança, Maria escolheu uma casa virada para a avenida. O barulho dos ônibus, que passam a poucos metros da residência, não incomodou a moradora. Ela gosta mesmo é de abrir o portão e observar o que se passa na avenida. "A localização é ótima, não queria sair daqui. Tenho tudo perto, vou ao banco, ao supermercado e ao comércio", concluiu.

QUANDO A NOITE CAI

As grades de metal encerram as atividades do comércio lá pelas 17h30, 18h. Na maioria das lojas, o expediente não passa desse horário por questões

de segurança. Enquanto a clientela das lojas volta para casa, a calçada é tomada por estudantes a caminho do cursinho, fiéis indo ao templo e boêmios em clima de happy hour. Pré-vestibulares, igrejas evangélicas, bares e restaurantes são os principais destinos dos frequentadores noturnos da avenida.

No fim da tarde, as mesas do Mercado Municipal, na 509 Sul, já estão à espera dos clientes. O empresário Aneliton Lima, 42 anos, costuma chegar pouco antes das 18h. Pelo menos uma vez por semana, ele emenda o serviço em um bar com os amigos. "É perto do trabalho e tem estacionamento é melhor do que ficar nas entrequadras", afirmou. O Mercado Municipal, inaugurado em 2006, deu cara nova ao comércio. O ambiente lembra o mercado homônimo de São Paulo e oferece produtos requintados, além do serviço de bar. Em uma quadra próxima, a 512 Sul, três igrejas abrem as portas aos fiéis quando cai a noite. Em duas delas, a celebração começa entre as 19h30 e as 20h. No templo da esquina, a pregação segue até 21h30. As autoescolas e cursinhos mantêm pequenos trechos da rua agitados após as 23h. Quando não há mais vida na calçada da W3, os bares e sítios voltados para a juventude permanecem abertos.

Francisco das Neves, 68 anos, é intenso por volta das 7h. Estudantes e trabalhadores que descem no ponto de ônibus da 508/509 Sul param para tomar um café com bolo antes de começar o dia. Natural de Posse (GO), Francisco chegou em Brasília em 1957, quando os engenheiros ainda demarcavam as pistas da W3. Nos anos 70, ele vendeu churrasquinho e milho verde na avenida. Era 500 espigas, 200 pamonhas e 100 espotes de carne por dia para alimentar a clientela.

"Eu pensava: meu Deus, daqui a uns anos ninguém vai dar conta de atender tanta gente!", comentou. A previsão do aposentado não se concretizou — no fim dos anos 90, o movimento de pedestres na quadra caiu e ele trouxe os petiscos para a lista. O belga Simón Petel, 72 anos, assumiu o Roma em 1964, quatro anos depois da inaugura-

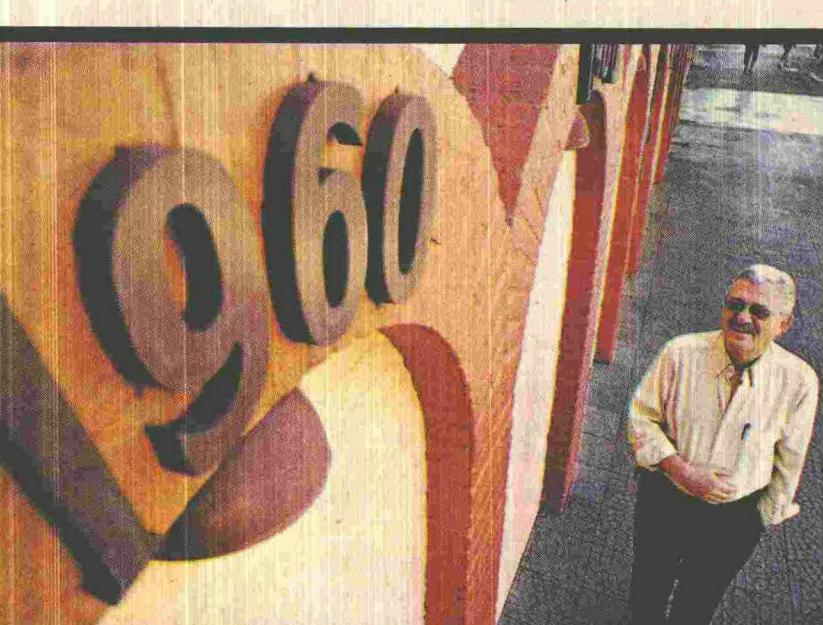
do e ficou sem opção, hoje o pessoal vem mais para ir ao banho. Também, a rua está toda quebrada, tem fio pro lado de fora, buraco na calçada", lamentou. Ainda assim, Francisco não pensa em abandonar o ponto que ocupa há 34 anos. "O melhor daqui é bater papo com meus conhecidos. E se ficar em casa, vou fazer o quê?", questionou o comerciante. Francisco acorda às 4h30

e pega o primeiro ônibus de Ceilândia para a W3 Sul. Compra leite em um mercado ali mesmo, na avenida, e prepara o quiosque verde para receber os clientes. A rotina de trabalho duro o ajudou a criar seis filhos e 18 netos, todos nascidos na cida-

de que ele escolheu para mudar de vida.

BLOCO DE RESISTÊNCIA

A modernidade chegou à avenida comercial na pele de grandes bancos, lojas de informática e casas de festas infantis. Uma quadra, no entanto, conserva o bloco de resistência da W3 — lojas pioneiros que viveram o auge da rua e sobreviveram à concorrência dos shoppings. Pioneira da Borba, Nova Capital e restaurante Roma encabeçam a lista. O belga Simón Petel, 72 anos, assumiu o Roma em 1964, quatro anos depois da inaugura-



ção do estabelecimento. O restaurante começou como um "botequim metido a besta", como define Simón, e depois recebeu políticos, turistas e a elite brasiliense.

O local ficava de portas abertas até as 5h, 6h da madrugada, quando a juventude voltava das festas. "Tinha fila de espera o tempo todo. Na época, tinha uma meia dúzia de restaurantes a la carte na cidade, então todo mundo ia ao Roma", lembrou o proprietário. O Roma fez sucesso ao trazer as primeiras quentinhosas de alumínio a Brasília e oferecer pratos de qualidade, mas sofreu com a desestabilização da avenida. Ainda assim, o empresário não pretende deixar o ponto. "Sobreviveu muito bem, apesar de a W3 ter perdido sua

majestade", disse Simón. O Roma contribuiu para a tradição culinária da W3 com pratos até hoje disputados, como a canja e as carnes. No cardápio da avenida, também estão incluídos os pães, doces e massas de pizza da Casa do Pão, registrada em 1968. A padaria funciona no mesmo endereço (a 506 Sul) há 41 anos. A estrutura foi alterada durante uma reforma dois anos atrás, mas a clientela permanece a mesma. "As pessoas passam aqui com os netos para mostrar onde tomavam lanche quando eram novas. Não tinha shopping nem nada, todo mundo que vinha na W3 parava aqui", explicou o proprietário, Carlos Eduardo Freire, 47 anos, que comprou a padaria em 1988.

Os salgados oferecidos no balcão quebram o galho de trabalhadores com horário de almoço apertado. A bióloga Luciana Taveira, 20 anos, trabalha em um laboratório na 307 Sul e prefere não enfrentar fila de restaurante. "Vim pegar um sanduíche e um suco. Gosto dos salgados, são os melhores da rua, e o preço compensa", comentou.